

09/02/2012 - 00:00

Estratégia da RIM desagrada aos investidores

Por **Peter Burrows e Hugo Miller**

Quando titãs da área tecnológica caem, raramente voltam a ficar de pé. Titãs do passado como Digital Equipment, Compaq, Lucent e Palm perderam a atratividade e foram, em seguida, adquiridas de maneira desonrosa. A Xerox e a Nokia tropeçam há anos. A Kodak acaba de pedir recuperação judicial. Apenas duas empresas tecnológicas contrariaram essa tendência: a Apple de Steve Jobs e a IBM de Lou Gerstner.

As lições a tirar dessas exceções são fabulosas. Quando Jobs voltou à Apple, em 1997, ele depurou, após exame minucioso, sua linha de produtos, substituiu a maior parte do conselho de administração e expandiu a empresa para novos mercados, como aparelhos de reprodução de música. Depois de chegar à IBM, em 1993, Gerstner eliminou mais de 100 mil postos de trabalho, acabou com seu pouco competitivo sistema operacional OS/2 de PC e deu início a uma enorme guinada da área de equipamentos para a de consultoria.

Research in Motion

Cotação no fechamento - em dólar canadense/ação



[\(/sites/default/files/gn/12/02/arte09emp-101-rim-b2.jpg\)]((/sites/default/files/gn/12/02/arte09emp-101-rim-b2.jpg))

fabricante do smartphone BlackBerry, finalmente substituiu os copríncipais executivos Jim Balsillie e Mike Lazaridis pelo diretor operacional Thorsten Heins, em 22 de janeiro. "Não considero necessária uma mudança drástica", disse Heins, ex-executivo da Siemens, em sua primeira teleconferência como o novo chefe da RIM. Manter tudo como está, no entanto, será um desafio, e os investidores já manifestaram desagrado. Depois dos comentários de Heins, as ações da RIM caíram mais de 8%. A RIM recusou liberar Heins para esta reportagem.

O recado foi outro quando, sob pressão dos acionistas, o conselho de administração da Research In Motion (RIM), a

O plano atual é a RIM continuar investindo tanto em equipamento quanto em software, abandonando seu sistema operacional BlackBerry, em processo de envelhecimento, em favor de outro chamado BlackBerry 10 (BB10), baseado no software de uma empresa adquirida em 2010 e empregado para administrar unidades de energia nuclear.

Até agora, as perspectivas não são estimulantes. O tablet PlayBook, o primeiro aparelho da RIM baseado em uma versão inicial do novo sistema operacional, foi um fracasso. E, no momento em que a RIM reinicia a área de tablets, o iPad da Apple domina o primeiro novo mercado de equipamento corporativo de peso de vários anos. O cofundador da Veeva Systems, Matt Wallach, que fornece software de vendas da área farmacêutica há 14 anos, diz que 95% de seus clientes estão equipando os funcionários com iPads, e os outros 5% estão estudando a possibilidade de fazer isso. "O sucesso do iPad na empresa implica que a RIM morreu, ao menos no setor farmacêutico", diz Wallach.

Para ser bem-sucedido na luta contra a Apple, que contabilizou mais que o dobro em lucros no último trimestre (US\$ 13,1 bilhões) do que a RIM em receita (US\$ 5,2 bilhões), os telefones BB10 terão de fazer muito mais do que igualar a qualidade dos iPhones e dos aparelhos ativados pelo sistema operacional Android. Eles terão de apresentar alguns recursos revolucionários - "e isso é uma tarefa hercúlea", diz Matt McCormick, gestor de investimentos da Bahl & Gaynor, de Cincinnati.

Naturalmente, é possível que a RIM possa reconquistar sua posição como a opção número 1 de fabricantes de aplicativos, consumidores e compradores corporativos. A empresa, sediada em Waterloo, na província canadense de Ontário, ainda gera um fluxo de caixa saudável e tem 75 milhões de assinantes no mundo inteiro. Seus executivos apontam para a hegemonia do BlackBerry em mercados emergentes, como o da África do Sul e o do México. A empresa pretende lançar uma linha de aparelhos baseados no BB10 no segundo semestre deste ano, disse Lazaridis no mês passado. "Estamos empolgados e confiantes no futuro", diz a porta-voz Tenille Kennedy. "Estamos prontos para que os acionistas avaliem Thorsten e o desempenho da RIM."

Mas a história mostra que será difícil experimentar um renascimento. "Quando você se torna um dinossauro, fica difícil alcançar os outros", diz Richard J. Moroney, diretor de investimentos da empresa de gestão de aplicações Horizon Investment Services. O valor das ações da RIM continua cerca de 10% acima do nível que ostentava no fim de 2011, ano em que a empresa perdeu 75% de seu valor. E sua participação no mercado de smartphones despencou para 11% no terceiro trimestre de 2011, em relação aos 21% de dois anos antes, segundo a empresa de pesquisa na área de tecnologia Gartner.

A RIM poderia se sair melhor se se aliasse com uma empresa de maior porte, mas a lista dos potenciais pretendentes é curta. A Microsoft está ocupada com a montagem de seu próprio sistema operacional e com o foco em sua parceria com a Nokia. A Samsung pareceu ser, outrora, uma possibilidade: ela tem uma próspera divisão de smartphones, mas depende do sistema operacional Android, do Google, que comprou uma fabricante concorrente de aparelhos, a Motorola Mobility. Um porta-voz da Samsung disse que a empresa não está interessada. Com uma capitalização de mercado de cerca de US\$ 8 bilhões, a RIM tende a ser cara demais para ser engolida por empresas de compras de participações.

O desmembramento da empresa é outra possibilidade, proposta pelo analista Mike Abramsky, da RBC Capital Markets. Ele sugere que a RIM poderia aumentar a remuneração dos acionistas dividindo-se numa divisão de aparelhos e outra que administre os serviços do BlackBerry, como e-mail, segurança e o bem-sucedido programa de mensagem instantânea BBM. Heins disse aos analistas: "Não vou, de jeito nenhum, desmembrar esta empresa ou cindi-la em empresas distintas."

Heins disse que está aberto a outra potencial tábua de salvação: conceder licenças de uso do novo sistema operacional da empresa. Diante da ameaça representada pela aliança Motorola-Google, a Samsung poderia estar interessada em montar aparelhos ativados pelo BB10. Mas, até agora, o ecossistema do BlackBerry não tem o apoio de que precisa dos desenvolvedores que montam aplicativos bem-sucedidos como o "Angry Birds", diz Adnaan Ahmad, analista do Berenberg Bank de Londres. E isso restringe sua atratividade.

Finalmente, a RIM poderia abandonar o sonho de ser uma potência na área de aparelhos móveis e explorar, em vez disso, sua fama de administrar redes confiáveis e seguras, ao vender esse serviço a empresas que usam outros tipos de smartphones. Ela já deu um passo nessa direção, ao lançar um serviço chamado Mobile Fusion, que os departamentos de informática das empresas podem empregar para gerir de maneira segura o número crescente de smartphones e tablets compatíveis com o Android e com a Apple.

Para a geração de usuários fiéis do BlackBerry que passaram a vida profissional enviando mensagens por seus "CrackBerrys", uma medida desse tipo pode parecer impensável. É, no entanto, um caminho trilhado com sucesso pela IBM, que dominou o setor de PCs de 1981 até o início da década de 1990. Fabricantes de produtos de menor

preço como a Compaq e a Dell corroeram a participação de mercado da IBM e levaram o preço de suas ações à queda livre. Em vez de nadar contra a corrente, Gerstner redirecionou o foco da empresa para os setores mais lucrativos de software e serviços. Em 2005, depois que o executivo se aposentou, a IBM vendeu sua divisão de PCs para a Lenovo.

Até agora, tudo indica que Heins quer evitar qualquer iniciativa arrojada. Sua retórica de perseverar no mesmo caminho exacerbou a decepção experimentada por alguns investidores, que observam que Heins não tem um histórico sólido na área de software móvel (ele trabalhou 23 anos numa fabricante de equipamentos de rede) e que ele administrou as operações da RIM durante uma época em que a empresa foi amplamente criticada por equívocos na área operacional. "Temos aqui um quadro da casa, cujo assessor ainda é Lazaridis, que esteve envolvido em muitas das decisões dos últimos quatro anos", diz Ahmad, da Berenberg. "Ele não precisava dizer mais do que 'estamos abertos a opções' para dar aos investidores uma ideia de flexibilidade. Mas isso não aconteceu." **(Tradução de Rachel Warszawski)**